

11.2.2. Comunidade da Fauna Terrestre

11.2.2.1. Introdução

A Área de Influência Indireta – AII da UHE Tijuco Alto encontra-se em uma região de transição entre os biomas da Mata Atlântica e das Florestas dos Planaltos, classificadas como estacionais ou mistas (com araucária). De acordo com o Decreto Federal n.º 750 de 1993, esses biomas são abrangidos pela Mata Atlântica.

A Mata Atlântica, na AII, recebe influência dos outros biomas citados, proporcionando um mosaico de habitats e fitofisionomias vegetacionais que resultaram numa enorme biodiversidade.

A interação entre estes biomas favorece a ocorrência de uma diversidade de habitats e, por consequência, uma diversidade dos componentes bióticos, em especial a fauna.

Analisando-se especificamente a Mata Atlântica, verifica-se que sua elevada diversidade deve-se, entre outros fatores, às grandes variações latitudinais, altitudinais e climáticas, aos diversos gradientes orométricos e geopedológicos e à imensa heterogeneidade espacial desse bioma (MANTOVANI, 1993; BERNILS, 2003).

A Mata Atlântica cobria uma área superior a um milhão de quilômetros quadrados, ao longo de quase toda a costa leste do Brasil. Atualmente é uma das florestas tropicais mais ameaçadas do mundo e após cinco séculos de colonização conta com menos de 8% ou 98.800 km² de sua cobertura original (MITTERMEIER *et al.*, 1982; GALINDO-LEAL & CÂMARA, 2003).

Dos fragmentos remanescentes da Mata Atlântica, a parcela mais representativa encontra-se nas regiões sul e sudeste do Brasil, especialmente pelas dificuldades de acesso humano impostas pela topografia acidentada da Serra do Mar (Fundação SOS Mata Atlântica, 1993; SMA, 1996). Dentre os estados brasileiros, o Paraná conta com uma das maiores e mais bem conservadas áreas remanescentes de Mata Atlântica do Brasil (Fundação SOS Mata Atlântica *et al.*, 1998).

A Serra do Mar, nos estados de São Paulo e Paraná, é uma das poucas áreas preservadas que ainda contém completas assembléias de espécies, onde processos ecológicos e evolucionários ocorrem praticamente intactos (GALINDO-LEAL & CÂMARA, 2003).

Na bacia do Ribeira de Iguape há importantes remanescentes florestais que constituem grandes blocos de vegetação contínua, nos quais ainda ocorre grau relativamente elevado de conectividade.

A oeste do rio Ribeira de Iguape, existe o chamado *continuum* de Paranapiacaba que envolve o Parque Estadual Carlos Botelho, inserido nos municípios de São Miguel Arcanjo, Sete Barras, Capão Bonito e Tapiraí; o Parque Estadual Intervales, nos municípios de Guapiara, Ribeirão Grande, Sete Barras, Eldorado e Iporanga; a Estação Ecológica de Xitué, em Ribeirão Grande e o Parque Estadual do Alto Ribeira - PETAR, em Iporanga e Apiaí.

A leste do rio Ribeira de Iguape, localiza-se a Estação Ecológica Juréia-Itatins que abrange parte dos municípios de Iguape, Itariri, Miracatu e Peruíbe; o Parque Estadual Jacupiranga, nos municípios de Eldorado, Jacupiranga, Iporanga, Cajati e Cananéia; e o Parque Estadual das Lauráceas, nos municípios de Adrianópolis, Tunas do Paraná e Bocaiúva do sul, no Paraná.

Portanto, a área de estudo ocupa posição privilegiada no contexto geral, pois interliga importantes Unidades de Conservação (UC). A conservação da biodiversidade, em longo prazo, necessita da proteção das maiores extensões possíveis de habitat naturais (ROCHA *et al.*, 2001). O reestabelecimento da conectividade entre os blocos remanescentes acima citados poderiam facilitar os processos de dispersão e migração, constituindo importante ferramenta de conservação da Mata Atlântica (ROCHA *et al.*, 2001). O local de estudo não deve ser manejado apenas dentro de seus limites, e sim envolver seus arredores e suas conexões com outras áreas protegidas (OLMOS & GALETTI, 2004).

Entretanto, quando se trata do corte, supressão ou exploração de vegetação da Mata Atlântica, segundo o Decreto Federal n.º 750 de 1993, existem situações onde a intervenção e a supressão da mata, mesmo em estágio médio ou avançado, pode ser autorizada, cumpridas determinadas condicionantes.

Ao mesmo tempo, a Resolução CONAMA n.º 009 de 1996 define o que são corredores entre remanescentes, os quais são constituídos por:

- ✓ matas ciliares em toda a sua extensão e pelas faixas marginais definidas por lei;
- ✓ pelas faixas de cobertura vegetal existente, em especial, as unidades de conservação e áreas de preservação permanente.

O corredor entre remanescentes, conforme artigo 1º da citada Resolução, caracteriza-se como sendo faixa de cobertura vegetal existente entre remanescentes de vegetação primária (sic) em estágio médio a avançado de regeneração capaz de propiciar habitat ou servir de trânsito para a fauna residente nos remanescentes.

As florestas dos planaltos, por sua vez, também sofreram intensa exploração de seus recursos vegetais, sendo que na AII está representada por fragmentos de formações vegetais naturais, em diferentes estágios sucessionais, onde habita uma fauna associada a cada uma das formações vegetais originais.

Apesar de estar localizado em dois dos estados mais desenvolvidos do país e de ter sido uma das primeiras e mais intensamente exploradas regiões brasileiras, o Vale do Ribeira apresenta aproximadamente 21% dos remanescentes de Mata Atlântica do País (Fundação SOS Mata Atlântica, 1993). Porém, cinco séculos de ocupação e exploração irracional dos recursos naturais produziram marcas irrecuperáveis na mata e conduziram quase à eliminação da Mata Atlântica em algumas regiões do Vale.

Das sub-regiões biogeográficas da Mata Atlântica, o maço da Serra do Mar inclui o melhor sistemas de áreas protegidas (SILVA & CASTELETTI, 2003). Contudo, nas matas do Vale do Ribeira situadas nas cotas mais baixas de altitudes, onde a topografia permitiu o acesso humano, houve o impacto da retirada de madeira e palmito, da abertura de grandes estradas, do cultivo da banana, da pecuária e do chá, fazendo das florestas do Vale do Ribeira apenas “ilhas” de florestas (GUIX, 1994; OLMOS & GALETTI, 2004).

O resultado do contínuo processo de desmatamento é a formação de um número crescente de fragmentos que podem culminar na insularização de grande parte das populações que ocorriam na paisagem originalmente florestada (ROCHA *et al.*, 2003).

[...] Assim, acredita-se que boa parte da biodiversidade da Floresta Atlântica perdeu-se com a eliminação das matas situadas nos fundos de vales e nas encostas de altitude mais baixas como é o caso do Vale do Ribeira. Atualmente, o que resta deste bioma é tão pouco, que a única estratégia possível é a de procurar preservar o que ainda existe.” (GUIX, 1994).

Apesar da fragmentação e perda de habitat terem sido alarmantes em algumas regiões do Vale do Ribeira, principalmente nas três últimas décadas, a resiliência deste Bioma tem se mostrado elevada (PINTO & BRITO, 2003). O reflorestamento de áreas degradadas, em especial aquelas que reestabelecem a conectividade com áreas florestadas são fundamentais para a conservação dos remanescentes de Mata Atlântica (ROCHA *et al.*, 2003).

Duas importantes estratégias de conservação que têm sido utilizadas em escala geográfica são os corredores ecológicos e os de biodiversidade, por diminuírem os efeitos negativos do processo de fragmentação (ROCHA *et al.*, 2003). Os corredores de conservação também aumentam a área total por onde as espécies podem se deslocar em busca de recursos, ampliando suas chances de sobrevivência em populações que estejam próximas da extinção local (SOULÉ, 1987).

Apesar da riqueza de espécies da fauna e de um alto número de endemismos na região da Mata Atlântica e seus ecossistemas associados, aspectos básicos sobre taxonomia, ecologia, composição de espécies, dinâmica e estrutura de comunidades são ainda pouco conhecidos (SAZIMA, 1994, ROCHA, 2000).

Assim, os estudos de fauna da All da UHE Tijuco Alto procuraram situar o conhecimento da fauna nesta região, através de pesquisas bibliográficas que indiquem a diversidade específica ocorrente nesta área, de modo a permitir sua comparação com os resultados mais específicos encontrados na AID, baseados em trabalhos de campo.

Desta forma cada um dos grandes grupos que compõe a fauna de vertebrados terrestres (mamíferos, aves, anfíbios e répteis) da All foi pesquisada em bibliografia específica, utilizando também informações de museus e coleções científicas de reconhecida capacidade científica. Os estudos sobre fauna da Área de Influência Direta, por outro lado, contaram não apenas com o apoio bibliográfico e pesquisas em museus, mas também com pesquisa de campo que incluiu observações e entrevistas com moradores da área.

No presente item, os resultados destas pesquisas são apresentados para cada um dos grupos estudados.

11.2.2.2. Mamíferos

a) Histórico do Conhecimento

Os registros históricos mais importantes sobre a mastofauna paranaense foram feitos pelo naturalista alemão André Mayer, entre as décadas de 30 e 50, tendo este se concentrado especialmente nas áreas do segundo planalto paranaense (Municípios de Castro e Tibagi) e na porção noroeste do Estado do Paraná (ao longo do rio Ivaí). Como demonstrado por MIRETZKI (1999), apenas recentemente, houve um aumento nos estudos sobre os mamíferos do Paraná.

Mesmo com o acúmulo de conhecimentos, existe uma grande lacuna de informações para muitas regiões paranaenses, incluindo a área de influência indireta do empreendimento e suas adjacências. Para esses locais, os dados coligidos são decorrentes do estudo de impacto ambiental da UHE Tijuco Alto realizado anteriormente (CBA, 1989, 1991) e suas complementações (1997) e dos estudos para a extração de calcário calcítico (Bianconi, 2004) na bacia hidrográfica do rio Ribeira de Iguape. Em complemento, somam-se alguns poucos trabalhos que fazem inferências à mastofauna da região, como PINTO-da-ROCHA (1995), OLIVEIRA & SIPINSKI (2001) e MIRETZKI (2003).

Na All, várias atividades antrópicas desenvolvidas, desde a colonização, colaboraram para a

rápida descaracterização fitofisionômica da região. Paralelamente à destruição e fragmentação do habitat das populações das espécies de mamíferos ocorreu a introdução de espécies exóticas e zoonoses. Esses fatores combinados levaram à extinção local de algumas espécies de menor plasticidade ecológica, e aumento das populações de outras, com maior capacidade de adaptação.

A extinção local ou radical diminuição das populações de muitas espécies de mamíferos em um breve espaço de tempo impediu que se obtivesse informação científica sobre a ocorrência, biologia e ecologia sobre elas. A falta de conhecimento constitui-se, atualmente, em um fator complicador para se fazer afirmações a respeito da maior ou menor plasticidade ecológica das espécies frente às alterações ambientais. Nesse sentido, fazem-se inferências baseadas no conhecimento que se tem do modo de vida das espécies estudadas em outras áreas.

b) Levantamento Bibliográfico e Museológico

No levantamento bibliográfico foram incluídos os trabalhos publicados em revistas científicas, anais e resumos de congressos e teses sobre a mastofauna, assim como todos os trabalhos anteriores realizados nas áreas de influência da UHE Tijuco Alto e áreas afins. Os principais registros bibliográficos incluídos são, em ordem cronológica, CBA (1989, 1991, 1997), PINTO-da-ROCHA (1995), OLIVEIRA & SIPINSKI (2001), MIRETZKI (2003) e BIANCONI (2004).

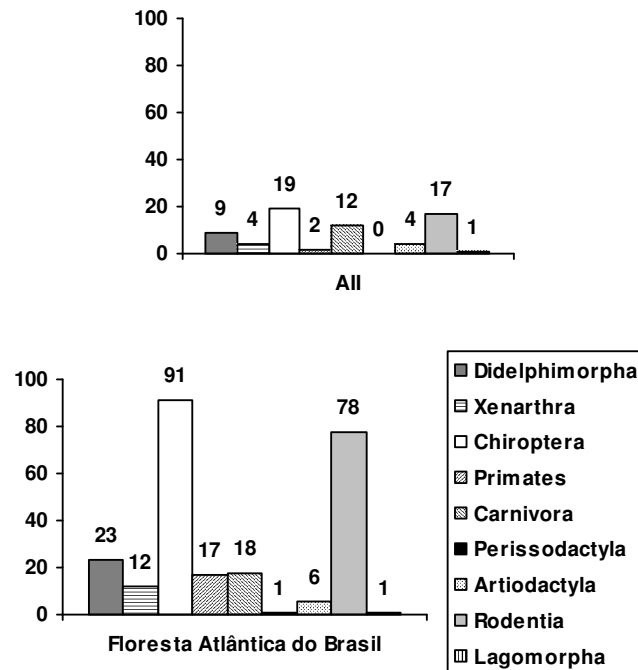
O levantamento museológico foi feito através da busca de exemplares de mamíferos tombados na coleção do Museu de História Natural "Capão da Imbuia" (Curitiba, PR) com procedência da bacia do rio Ribeira de Iguape, além de informações coletadas junto ao Museu de Zoologia da USP, em São Paulo.

c) Caracterização da Mastofauna

O levantamento bibliográfico e museológico da mastofauna revelou a presença de 68 táxons na All. A representatividade das ordens de mamíferos registradas quando comparada com a mastofauna da Mata Atlântica do Brasil *sensu lato* (Figura 11.2.2/01) revela que quase todas as ordens que ocorrem na Mata Atlântica brasileira ocorrem também na All.

Quanto à representatividade específica, observa-se que a All está numericamente muito abaixo da mastofauna que ocorre na Mata Atlântica (Figura 11.2.2/01). Ainda neste sentido, a área de influência indireta difere significativamente em relação à Mata Atlântica, no número de espécies nas ordens de pequenos mamíferos: marsupiais, morcegos e roedores. Usualmente, estes grupos são os mais diversos e os menos estudados, isto responde pelas diferenças amostrais.

FIGURA 11.2.2./01 - REPRESENTATIVIDADE DE TÁXONS EM CADA ORDEM DE MAMÍFEROS NA AII DA UHE DE TIJUCO ALTO, EM RELAÇÃO AOS MAMÍFEROS DA MATA ATLÂNTICA DO BRASIL (FONSECA ET AL., 1996).



Mesmo considerando as diferentes fontes de registros das espécies, a lista apresentada subestima o número de espécies que deve existir na AII. Isto é uma consequência da falta de estudos dirigidos para levantamentos de algumas espécies, principalmente pequenos mamíferos, o que pode ser avaliado como um panorama geral para os estados do Paraná e São Paulo, mas agravado na região estudada.

O Quadro 11.2.2./01 apresenta os resultados dos levantamentos bibliográficos e museológicos destinados a caracterizar a mastofauna da AII de Tijuco Alto.

QUADRO 11.2.2/01 - LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS REGISTRADOS NA AII DE TIJUCO ALTO, SEU NOME COMUM E FORMA DE REGISTRO.

n	Ordenamento Taxonômico	Nome Comum	Registro
	ORDEM DIDELPHIMORPHIA Família Didelphidae Subfamília Didelphidae		
1	<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca	M, B
2	<i>Didelphis aurita</i>	Gambá-de-orelha-preta	M
3	<i>Philander frenata</i>	Cuíca-de-quatro-olhos	B
4	<i>Gracilinanus microtarsus</i>	Cuíca	B
5	<i>Micoureus demerarae</i>	Cuíca	B
6	<i>Marmosops incanus</i>	Cuíca	B
7	<i>Monodelphis scalops</i>	Guaxica	B
8	<i>Monodelphis iheringi</i>	Guaxica, Catita	B
9	<i>Monodelphis americana</i>	Guaxica	B
	ORDEM XENARTHRA Família Myrmecophagidae <i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	B
	Família Dasypodidae		
11	<i>Dasyus septemcinctus</i>	Tatu-mulita	B
12	<i>Dasyus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	B
13	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peludo	B
	ORDEM CHIROPTERA Família Phyllostomidae Subfamília Phyllostomidae		
14	<i>Chrotopterus auritus</i>	Morcego	M
15	<i>Mimon bennetti</i>	Morcego	B
	Subfamília Glossophaginae		
16	<i>Anoura caudifera</i>		M
17	<i>Anoura geoffroyi</i>		B
18	<i>Glossophaga soricina</i>	Morcego-beija-flor	B
	Subfamília Carolliinae		
19	<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego	M
	Subfamília Stenoderminae		
20	<i>Artibeus fimbriatus</i>	Morcego	B
21	<i>Artibeus jamaicensis</i>	Morcego	M
22	<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego	M
23	<i>Platyrrhinus lineatus</i>	Morcego	M
24	<i>Pygoderma bilabiatum</i>	Morcego	M
25	<i>Sturnira lilium</i>	Morcego	M
	Subfamília Desmodontinae		
26	<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro	B
27	<i>Diphylla ecaudata</i>	Morcego-vampiro	B
	Família Molossidae		
28	<i>Molossus ater</i>	Morcego	M
29	<i>Molossus molossus</i>	Morcego	B
	Família Vespertilionidae		
30	<i>Epitesicus brasiliensis</i>	Morcego	B
31	<i>Myotis levis</i>	Morcego	B
32	<i>Myotis nigricans</i>	Morcego-borboleta	M
	ORDEM PRIMATES Família Atelidae <i>Alouatta guariba</i>	Bugio	B
	Família Cebidae <i>Cebus nigratus</i>	Macaco-prego	B
	ORDEM CARNIVORA		

(continua...)

QUADRO 11.2.2/01 - LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS REGISTRADOS NA AII DE TIJUCO ALTO, SEU NOME COMUM E FORMA DE REGISTRO.
(...continuação)

n	Ordenamento Taxonômico	Nome Comum	Registro
35	Família Canidae <i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato	B
36	Família Procyonidae <i>Nasua nasua</i>	Quati	B
37	<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	B
38	Família Mustelidae <i>Eira barbara</i>	Irara	B
39	<i>Galictis cuja</i>	Furão	B
40	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	B
41	Família Felidae <i>Herpailurus yaguarondi</i>	Gato-mourisco	B
42	<i>Leopardus pardalis</i>	Jagatirica	B
43	<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato pequeno	B
44	<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-maracajá	B
45	<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada	B
46	<i>Puma concolor</i>	Onça-parda	B,M
47	ORDEM ARTIODACTYLA Família Tayassuidae <i>Pecari tajacu</i>	Cateto	B
48	Família Cervidae <i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro	B
49	<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	B
50	<i>Mazama nana</i>	Veado-bororó, Veado-de-mão-curta	B
51	ORDEM RODENTIA Família Sciuridae <i>Sciurus ingrami</i>	Serelepe	B
52	Família Muridae Subfamília Sigmodontinae <i>Akodon cursor</i>	Rato-do-mato	B
53	<i>Akodon montensis</i>	Rato-do-mato	M
54	<i>Bolomys lasiurus</i>	Rato-do-mato	M
55	<i>Delomys dorsalis</i>	Rato-do-mato	M
56	<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-d'água	M
57	<i>Oligoryzomys flavescens</i>	Rato-do-mato	B
58	<i>Oligoryzomys nigripes</i>	Rato-do-mato	B
59	<i>Oryzomys intermedius</i>	Rato-do-arroz	B
60	<i>Oxymycterus judex</i>	Rato-focinhudo	B
61	<i>Thaptomys nigrita</i>	Rato-do-mato	B
62	Família Erethizontidae <i>Sphiggurus villosus</i>	Ouriço-cacheiro	B
63	Família Caviidae <i>Cavia aperea</i>	Preá	B
64	Família Hydrochaeridae <i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara	B
65	Família Dasypodidae <i>Dasypoda azarae</i>	Cutia	B
66	Família Agoutidae <i>Cuniculus paca</i>	Paca	B

(continua...)

QUADRO 11.2.2/01 - LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS REGISTRADOS NA AII DE TIJUCO ALTO, SEU NOME COMUM E FORMA DE REGISTRO. (...continuação)

n	Ordenamento Taxonômico	Nome Comum	Registro
67	Família Myocastoridae <i>Myocastor coypus</i>	Ratão-do-banhado	B
68	ORDEM LAGOMORPHA Família Leporidae <i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapeti	B

Legenda: bibliografia (B), museus (M).

d) Espécies Raras e Ameaçadas de Extinção

Do total de 68 espécies que apresentam algum tipo de registro na AII, podem ocorrer 25 espécies ameaçadas de acordo com as listas oficiais, o que corresponde a 36% do total de mamíferos constatados.

De acordo com o Livro Vermelho da Fauna Ameaçada do Estado do Paraná (Mikich & Bérnils, 2004) há 32 espécies de mamíferos em alguma categoria de ameaça e 24 espécies cujas informações são insuficientes para afirmar algo (DD), totalizando 56 espécies, o que corresponde a 32% dos 176 mamíferos registrados no Estado (Margarido & Braga, 2004). Desta lista, podem ocorrer na bacia do rio Ribeira de Iguape e na AII 15 espécies ameaçadas (46,87%) e 5 espécies DD (20,83%), totalizando 20 espécies (35,71%). Portanto, quase 36% das espécies de mamíferos do Livro Vermelho da Fauna Ameaçada do Estado do Paraná tem registros de ocorrência na bacia do rio Ribeira de Iguape e também na AII (Quadro 11.2.2/02).

Para o Estado de São Paulo, de acordo com o Decreto Estadual n.º 42.838 de 04 de fevereiro de 1998, foram constatadas 17 espécies ameaçadas (categorias CP, EP, VU ou PA), o que corresponde a 42,5% do total de espécies listadas no referido decreto. Oito espécies registradas na lista paranaense não estão referenciadas no decreto paulista.

A nível nacional, segundo a lista de espécies ameaçadas do IBAMA, do total de espécies registradas na AII, sete aparecem na lista oficial.

Alguns aspectos da biologia e da ecologia dos mamíferos os colocam em uma posição de vulnerabilidade frente às pressões antrópicas sobre os ambientes. Dentre eles destacam-se o alto grau de especialização da dieta e do habitat (ou microhabitat), o tamanho corporal, extensas áreas de vida e baixas taxas de reprodução, combinando longos períodos de gestação com o nascimento de poucos filhotes (GRELLE *et al.*, 2001; MARGARIDO & BRAGA, 2004). As espécies ameaçadas de extinção que ocorrem na AII são apresentadas no Quadro 11.2.2/02.

QUADRO 11.2.2/02 - ESPÉCIES DE MAMÍFEROS AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO COM OCORRÊNCIA NA BACIA DO RIO RIBEIRA DE IGUAPE E NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DA UHE TIJUCO ALTO E SUA RESPECTIVA CATEGORIA* NO PARANÁ, EM SÃO PAULO (ANEXO DO DECRETO 42.838 DE 04.02.98) E NO BRASIL (IBAMA, 2004).

N	Espécies	Categoria		
		PR	SP	BR
1	<i>Diphylla ecaudata</i>	VU	nc	nc
2	<i>Chrotopterus auritus</i>	VU	nc	nc
3	<i>Mimon bennettii</i>	VU	nc	nc
4	<i>Alouatta guariba</i>	VU	nc	CP
5	<i>Leopardus pardalis</i>	VU	VU	VU
6	<i>Leopardus tigrinus</i>	VU	VU	VU
7	<i>Leopardus wiedii</i>	VU	EP	VU
8	<i>Puma concolor</i>	VU	VU	VU
9	<i>Panthera onca</i>	CP	CP	VU
10	<i>Lontra longicaudis</i>	VU	VU	nc
11	<i>Tapirus terrestris*</i>	EP	EP	nc
12	<i>Mazama nana</i>	VU	PA	VU
13	<i>Pecari tajacu</i>	VU	VU	nc
14	<i>Cuniculus paca</i>	EP	VU	nc
15	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	VU	nc	nc
16	<i>Marmosops incanus</i>	DD	PA	nc
17	<i>Dasypus septemcinctus</i>	DD	nc	nc
18	<i>Herpailurus yagouaroundi</i>	DD	PA	nc
19	<i>Mazama americana</i>	DD	nc	nc
20	<i>Mazama gouazoubira</i>	DD	nc	nc
21	<i>Gracilinanus microtarsus</i>	nc	PA	nc
22	<i>Monodelphis iheringi</i>	nc	PA	nc
23	<i>Tamandua tetradactyla</i>	nc	PA	nc
24	<i>Procyon cancrivorous</i>	nc	PA	nc
25	<i>Dasypus azarae</i>	nc	VU	nc

Legenda: CP = criticamente em perigo, EP = em perigo, VU = vulnerável, PA = provavelmente ameaçada, NT = quase ameaçada, DD = dados insuficientes, nc = não consta.

* considerada como de ocorrência na bacia devido a entrevistas na AID.

11.2.2.3. Aves

a) Histórico do Conhecimento

A porção paranaense onde se insere grande parte da AII, representa uma das regiões com maiores lacunas de conhecimento biológico, sendo que a avifauna (até então quase que virtualmente desconhecida) não é exceção (SCHERER-NETO & STRAUPE, 1995). Tal fato exemplifica-se pela execução, em meados do século passado, pelo “Conselho de Defesa do Patrimônio Natural do Paraná” da “Primeira Expedição Científica à Serra do Paranapiacaba e Alto Ribeira”, cujo relatório foi apresentado pelos militares João Mello Soares e Sinval Pinheiro, em abril de 1956. Nesse relato, são enfatizadas as precariedades na infraestrutura básica e modos de vida da região, assim como a descaracterização vegetacional, em especial nas proximidades da “vila” de Cerro Azul (SOARES & PINHEIRO, 1956).

Não obstante a principal rota de ligação entre Curitiba e São Paulo passasse pela região, com a implantação da BR 476, na década de 1930, o desenvolvimento não fez parte do panorama da região, a qual ficou estagnada economicamente e restrita a atividades de mineração (especialmente chumbo) e agro-pastoris, essas em sua grande maioria pouco rentáveis devido às condições geomorfológicas locais (MORAES & PINHEIRO, 1956; DNER, 2005).

Tal segregação histórica, no entanto, não se restringiu apenas aos aspectos econômicos e sociais, mas também influenciou as atividades de pesquisa científica, neste caso, em particular, aplica-se na obtenção de dados ornitológicos, relevantes para uma diagnose

precisa dos processos de extinção e colonização local pelas aves, pois os estudos realizados são contemporâneos, pontuais e restritos quanto à sua divulgação.

b) Levantamento Bibliográfico e Museológico

Os levantamentos bibliográficos e museológicos destinados a caracterizar a avifauna foram realizados com base nos estudos de ABE, 1997; KAJIWARA, 1998; L.M.ABE, A.URBEN-FILHO e F.C.STRAUBE, não publ., bem como em consultas aos acervos ornitológicos do Museu de História Natural Capão da Imbuia/MHNCI de Curitiba e Museu de Zoologia da USP/MZUSP de São Paulo.

c) Caracterização da Avifauna

Os resultados da pesquisa indicaram a presença de 324 espécies, distribuídas em 20 ordens e 54 famílias.

Os não passeriformes foram representados por 126 espécies, enquanto os passeriformes contemplaram 198 espécies, sendo 116 da subordem Tyranni (suboscines) e 82 na subordem Passeri (oscines).

A pouca representatividade de aves não-passeriformes justifica-se, em parte, pela pequena representação de ambientes aquáticos lênticos e rios de magnitude média a grande, à alta declividade do terreno, o que faz com que espécies ocupantes dessa guilda ecológica sejam escassamente figuradas.

Em contrapartida, a supremacia numérica de aves passeriformes deve-se ao mosaico vegetacional da área de estudo, composto por ambientes abertos e florestais em diferentes estágios sucessionais, aliado à grande amplitude altitudinal na região, que pode variar entre 150 e 1000 m s.n.m. (MAACK, 1981). Também contribui para essa elevada riqueza específica as aves típicas das regiões altas da Serra do Mar (*e.g. Chamaeza ruficauda*) e aquelas encontradas apenas na planície litorânea (*e.g. Drymophila ferruginea*). Segundo CORDEIRO (1999), a maior heterogeneidade de habitats é fator determinante para a elevada riqueza de espécies endêmicas do sudeste do Brasil.

A proporção entre representantes dos grupos de aves Não Passeriformes e Passeriformes e, dentre esses, os Suboscines e Oscines, foi investigada por SLUD (1976). Observou-se que a relação entre Não Passeriformes e Passeriformes é de aproximadamente 1:1, tendendo a aumentar à medida que nos afastamos da linha do Equador; já essa taxa entre Suboscines e Oscines é de 3:1 próximo ao Equador e 2:1 em áreas subtropicais (SLUD, 1976; SICK, 1997); tais valores justificam-se pela maior representatividade de ambientes abertos no sul do Brasil.

A área de estudo situa-se em local de transição entre centros de endemismo avifaunísticos (CRACRAFT, 1985), onde a composição ornitológica autóctone compõe-se por representantes do “Serra do Mar Center” (*e.g. Brotogeris tirica, Malacoptila striata, Drymophila ochropyga, Psiloramphus guttatus, Scytalopus indigoticus, Ilicura militaris, Hemitriccus nidipendulus, Todirostrum poliocephalum, Hemithraupis ruficapilla*) que abriga no Paraná e em São Paulo as bacias hidrográficas que deságuam no Atlântico, e “Paraná Center” (*e.g. Notharchus swainsoni, Mackenziaena severa, Batara cinerea*), correspondente a todo Planalto Meridional Brasileiro, limitado ao norte pela região centro-sul de São Paulo, ao sul pelos planaltos da porção elevada do norte e nordeste do Rio Grande do Sul, a oeste pelo Paraguai e nordeste pela Argentina e a leste pelos contrafortes da Serra do Mar.

CORDEIRO (1999), ao analisar os padrões de distribuição geográfica dos passeriformes endêmicos da Mata Atlântica, ainda percebeu que a área de endemismo “Serra do Mar Center” proposta por CRACRAFT (1985) pode subdividir-se em duas outras áreas de

endemismo, denominadas por ele como “Serras do Sudeste”, nesse estudo representada por *Poospiza thoracica*, e “Encostas do Sudeste”, por *Myrmeciza squamosa*.

NA AII, a família mais bem representada foi Tyrannidae, com 4 subfamílias e 50 espécies. Também foram bem representadas as famílias Thraupidae (24), Furnaridae (18), Thamnophilidae (17), Emberizidae (15), Trochilidae (13) e Acciptridae (12).

O Quadro 11.2.2/03 apresenta a lista de espécies da avifauna com registros na AII, segundo os levantamentos bibliográficos e museológicos realizados. A classificação, seqüência e denominações vernáculas seguem CBRO, 2005

QUADRO 11.2.2/03 - COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA NA AII DE TIJUCO ALTO, SEGUNDO DADOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS

ORDEM/FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
TINAMIFORMES		
TINAMIDAE	<i>Tinamus solitarius</i>	macuco
	<i>Crypturellus obsoletus</i>	inhambuquaçu
	<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó
	<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chitã
	<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul, zabelê
	<i>Nothura maculosa</i>	codorna
	<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz
ANSERIFORMES		
ANATIDAE	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	pé-vermelho
GALLIFORMES		
CRACIDAE	<i>Penelope obscura</i>	jacuaçu
	<i>Pipile jacutinga</i>	jacutinga
ODONTOPHORIDAE	<i>Odontophorus capueira</i>	uru
PELECANIFORMES		
PHALACROCORACIDAE	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá
CICONIIFORMES		
ARDEIDAE	<i>Butorides striata</i>	socozinho
	<i>Bulbucus ibis</i>	garça-vaqueira
	<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura
	<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena
	<i>Egretta alba</i>	garça-branca-grande
THRESKIORNITHIDAE	<i>Theristicus caudatus</i>	curicaca
	<i>Platalea ajaja</i>	colhereiro
CATHARTIFORMES		
CATHARTIDAE	<i>Coragyps atratus</i>	urubu
	<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha
FALCONIFORMES		
ACCIPITRIDAE	<i>Leptodon cayanensis</i>	gavião-de-cabeça-cinza
	<i>Elanoides forficatus</i>	gavião-tesoura
	<i>Ictinia plumbea</i>	sovi
	<i>Accipiter striatus</i>	gavião-miúdo
	<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo
	<i>Leucopternis polionotus</i>	gavião-pombo-grande
	<i>Buteogallus urubitinga</i>	gavião-preto
	<i>Pernohyerax leucorrhous</i>	gavião-de-sobre-branco
	<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó
	<i>Buteo albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco
	<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta
	<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pegamaco
FALCONIDAE	<i>Caracara plancus</i>	caracará
	<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro
	<i>Herpotheres cachinnans</i>	acaúã
	<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé
	<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relógio
	<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri

(continua...)

QUADRO 11.2.2/03 - COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA NA AII DE TIJUCO ALTO, SEGUNDO DADOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS (...continuação)

ORDEM/FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
GRUIFORMES		
RALLIDAE	<i>Aramides ypecaha</i>	saracuruçu
	<i>Aramides saracura</i>	saracura-do-mato
	<i>Pardirallus nigricans</i>	saracura-sanã
CHARADRIIFORMES		
JACANIDAE	<i>Jacana jacana</i>	jaçanã
CHARADRIIDAE	<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero
COLUMBIFORMES		
COLUMBIDAE	<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa
	<i>Columbina picui</i>	rolinha-picui
	<i>Columbina squammata</i>	fogo-apagou
	<i>Patagioenas picazuro</i>	pombão
	<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega
	<i>Patagioenas plúmbea</i>	pomba-amargosa
	<i>Zenaida auriculata</i>	pomba-de-bando
	<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu
	<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemedeira
	<i>Geotrygon montana</i>	parari
PSITTACIFORMES		
PSITTACIDAE	<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba-de-testa-vermelha
	<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim
	<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-rico
	<i>Pionopsitta pileata</i>	cuiú-cuiú
	<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca-verde
	<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-verdadeiro
	<i>Amazona vinacea</i>	papagaio-de-peito-roxo
	<i>Triclaria malachitacea</i>	sabiá-cica
CUCULIFORMES		
CUCULIDAE	<i>Coccyzus melacoryphus</i>	papa-lagarta-acanelado
	<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato
	<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto
	<i>Guira guira</i>	anu-branco
	<i>Tapera naevia</i>	saci
	<i>Dromococcyx pavoninus</i>	peixe-frito-pavonino
STRIGIFORMES		
STRIGIDAE	<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato
	<i>Megascops sanctaecatarinae</i>	corujinha-do-sul
	<i>Pulsatrix perspicillata</i>	murucututu
	<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i>	murucututu-de-barriga-amarela
	<i>Strix hylophila</i>	coruja-listrada
	<i>Strix virgata</i>	coruja-do-mato
	<i>Glaucidium minutissimum</i>	caburé-miudinho
	<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé
	<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira
	<i>Rhinoptynx clamator</i>	coruja-orelhuda

(continua...)

QUADRO 11.2.2/03 - COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA NA AII DE TIJUCO ALTO, SEGUNDO DADOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS (...continuação)

ORDEM/FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
CAPRIMULGIFORMES		
NYCTIBIIDAE	<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua
CAPRIMULGIDAE	<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju
	<i>Nyctidromus albigollis</i>	bacurau
	<i>Caprimulgus parvulus</i>	bacurau-chintã
	<i>Hydropsalis torquata</i>	curiango-tesoura
	<i>Macropsalis forcipata</i>	curiango-tesoura-gigante
APODIFORMES		
APODIDAE	<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçu-de-coleira-branca
	<i>Streptoprocne biscutata</i>	taperuçu-de-coleira-falha
	<i>Chaetura cinereiventris</i>	andorinhão-de-sobre-cinzentos
	<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal
TROCHILIFORMES		
TROCHILIDAE	<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado
	<i>Phaethornis eurynome</i>	rabo-branco-de-garganta-rajada
	<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto
	<i>Anthracothonax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta
	<i>Stephanoxis lalandi</i>	stephanoxis lalandi
	<i>Lophornis magnificus</i>	topetinho-vermelho
	<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	besourinho-de-bico-vermelho
	<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-fronte-violeta
	<i>Leucochloris albigollis</i>	beija-flor-de-papo-branco
	<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca
	<i>Clytolaema rubricauda</i>	beija-flor-rubi
	<i>Heliothryx auritus</i>	beija-flor-de-bochecha-azul
	<i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista
TROGONIFORMES		
TROGONIDAE	<i>Trogon viridis</i>	surucuá-grande-de-barriga-amarela
	<i>Trogon surrucura</i>	surucuá-variado
	<i>Trogon rufus</i>	surucuá-de-barriga-amarela
CORACIIFORMES		
ALCEDINIDAE	<i>Ceryle torquatus</i>	martim-pescador-grande
	<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde
	<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno
MOMOTIDAE	<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	juruva-verde
PICIFORMES		
BUCCONIDAE	<i>Notharchus swainsoni</i>	macuru-de-barriga-castanha
	<i>Malacoptila striata</i>	barbudo-rajado
	<i>Nonnula rubecula</i>	macuru
RAMPHASTIDAE	<i>Ramphastos vitellinus</i>	tucano-de-bico-preto
	<i>Ramphastos dicolorus</i>	tucano-de-bico-verde
	<i>Selenidera maculirostris</i>	araçari-poca
	<i>Pteroglossus bailloni</i>	araçari-banana

(continua...)

QUADRO 11.2.2/03 - COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA NA AII DE TIJUCO ALTO, SEGUNDO DADOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS
(...continuação)

ORDEM/FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
PICIDAE	<i>Picumnus temminckii</i>	pica-pau-anão-de-coleira
	<i>Picumnus nebulosus</i>	pica-pau-anão-carijó
	<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco
	<i>Melanerpes flavifrons</i>	benedito-de-testa-amarela
	<i>Veniliornis spilogaster</i>	picapauzinho-verde-carijó
	<i>Piculus aurulentus</i>	pica-pau-dourado
	<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado
	<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo
	<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela
	<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca
	<i>Campephilus robustus</i>	pica-pau-rei
PASSERIFORMES		
SUBORDEM TYRANNI (SUBOSCINES)		
THAMNOPHILIDAE	<i>Hypoedaleus guttatus</i>	chocão-carijó
	<i>Batara cinérea</i>	matracão
	<i>Mackenziaena leachii</i>	borralhara-assobiadora
	<i>Mackenziaena severa</i>	borralhara
	<i>Biatas nigropectus</i>	papo-branco
	<i>Thamnophilus caerulescens</i>	choca-da-mata
	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-boné-vermelho
	<i>Dysithamnus stictothorax</i>	choquinha-de-peito-pintado
	<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinha-lisa
	<i>Myrmotherula gularis</i>	choquinha-de-garganta-pintada
	<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	chorozinho-de-asa-vermelha
	<i>Dryophila rubricollis</i>	trovoada-de-bertoni
	<i>Dryophila ferruginea</i>	trovoada
	<i>Dryophila ochropyga</i>	choquinha-de-dorso-vermelho
	<i>Dryophila malura</i>	choquinha-carijó
	<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul
	<i>Myrmeciza squamosa</i>	papa-formiga-de-grota
	<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente
CONOPOPHAGIDAE		
GRALLARIIDAE	<i>Grallaria varia</i>	tovacuçu
	<i>Hylopezus nattereri</i>	pinto-do-mato
RHINOCRYPTIDAE	<i>Psilorhamphus guttatus</i>	tapaculo-pintado
	<i>Scytalopus indigoticus</i>	macuquinho
FORMICARIIDAE	<i>Chamaeza campanisona</i>	tovaca-campainha
	<i>Chamaeza meruloides</i>	tovaca-rabo-vermelho
	<i>Chamaeza ruficauda</i>	tovaca-cantadora
	<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha
DENDROCOLAPTIDAE	<i>Dendrocincla turdina</i>	arapaçu-liso
	<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde
	<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	arapaçu-de-garganta-branca
	<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande

(continua...)

QUADRO 11.2.2/03 - COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA NA AII DE TIJUCO ALTO, SEGUNDO DADOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS
(...continuação)

ORDEM/FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
	<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado
	<i>Lepidocolaptes falcinellus</i>	arapaçu-escamado-do-sul
FURNARIDAE	<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro
	<i>Leptasthenura setaria</i>	grimpeiro
	<i>Synallaxis ruficapilla</i>	pichororé
	<i>Synallaxis cinerascens</i>	pi-puí
	<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim
	<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném
	<i>Cranioleuca obsoleta</i>	arredio-oliváceo
	<i>Cranioleuca pallida</i>	arredio-pálido
	<i>Clibanornis dendrocolaptoides</i>	cisqueiro
	<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	trepador-quiete
	<i>Philydor atricapillus</i>	limpa-folhas-coroado
	<i>Philydor rufum</i>	limpa-folhas-de-testa-baia
	<i>Anabazenops fuscus</i>	trepador-coleira
	<i>Cichlocolaptes leucophrus</i>	trepador-sobrancelha
	<i>Automolus leucophthalmus</i>	barranqueiro-de-olho-branco
	<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca
	<i>Heliobletus contaminatus</i>	trepadorzinho
	<i>Xenops rutilans</i>	bico-virado-carijó
TYRANNIDAE		
SUB-FAMÍLIA PIPROMORPHINAE	<i>Mionectes rufiventris</i>	abre-asa-de-cabeça-cinza
	<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo
	<i>Hemitriccus diops</i>	olho-falso
	<i>Hemitriccus obsoletus</i>	catraca
	<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	tachuri-campainha
	<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>	tororó
	<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque
SUB-FAMÍLIA ELAENIINAE	<i>Phyllomyias virescens</i>	piolhinho-verdoso
	<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolhinho
	<i>Myiopagis caniceps</i>	guaracava-cinzenta
	<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela
	<i>Elaenia parvirostris</i>	guaracava-de-bico-curto
	<i>Elaenia obscura</i>	tucão
	<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha
	<i>Serpophaga nigricans</i>	joão-pobre
	<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho
	<i>Euscarthmus meloryphus</i>	barulhento
	<i>Phylloscartes eximius</i>	barbudinho
	<i>Phylloscartes ventralis</i>	borboletinha-do-mato
	<i>Phylloscartes sylvicolus</i>	maria-pequena

(continua...)

QUADRO 11.2.2/03 - COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA NA AII DE TIJUCO ALTO, SEGUNDO DADOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS
(...continuação)

ORDEM/FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
	<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho
	<i>Tolmomyias sulphureus</i>	bico-chato-de-orelha-preta
	<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho
SUB-FAMÍLIA FLUVICOLINAE	<i>Onychorhynchus swainsoni</i>	maria-leque
	<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe
	<i>Myiobius atricaudus</i>	assadinho-de-cauda-preta
	<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro
	<i>Lathrotricus euleri</i>	enferrujado
	<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	guaracavuçu
	<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzentos
	<i>Pyrocephalus rubinus</i>	príncipe
	<i>Knipolegus cyanirostris</i>	maria-preta-de-bico-azulado
	<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno
	<i>Muscipora vetula</i>	tesoura-cinza
	<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada
	<i>Colonia colonus</i>	viuvinha
	<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro
SUB-FAMÍLIA TYRANNINAE	<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata
	<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi
	<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado
	<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei
	<i>Empidonax varius</i>	peitica
	<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha
	<i>Syristes sibilator</i>	gritador
	<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré
	<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira
	<i>Ramphocorymbus megacephala</i>	maria-cabeçuda
	<i>Attila phoeniceus</i>	capitão-castanha
	<i>Attila rufus</i>	capitão-de-saia
OXYRUNCIDAE	<i>Oxyruncus cristatus</i>	araponga-do-horto
COTINGIDAE	<i>Carpornis cucullata</i>	corocochó
	<i>Procnias nudicollis</i>	araponga
	<i>Lipaugus lanioides</i>	tropeiro-da-serra
	<i>Pyroderus scutatus</i>	pavó
PIPRIDAE	<i>Piprites chloris</i>	papinho-amarelo
	<i>Illicura militaris</i>	tangarazinho
	<i>Manacus manacus</i>	rendeira
	<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará
TITYRIDAE	<i>Schiffornis virescens</i>	flautim
	<i>Tityra inquisitor</i>	anambé-branco-de-bochecha-parda
	<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto
	<i>Pachyramphus viridis</i>	caneleiro-verde
	<i>Pachyramphus castaneus</i>	caneleiro
	<i>Pachyramphus polychropterus</i>	caneleiro-preto
	<i>Pachyramphus validus</i>	caneleiro-de-boné-preto

(continua...)

QUADRO 11.2.2/03 - COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA NA AII DE TIJUCO ALTO, SEGUNDO DADOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS (...continuação)

ORDEM/FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
SUBORDEM PASSERI (OSCINES)		
VIREONIDAE	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari
	<i>Vireo olivaceus</i>	juruviara
	<i>Hylophilus poicilotis</i>	verdinho-coroado
	<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	vite-vite-de-olho-cinza
CORVIDAE	<i>Cyanocorax caeruleus</i>	gralha-azul
	<i>Cyanocorax chrysops</i>	gralha-picaça
HIRUNDINIDAE	<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio
	<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco
	<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo
	<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande
	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa
	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora
TROGLODYTIDAE	<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra
POLIOPTILIDAE	<i>Ramphocaenus melanurus</i>	bico-assoavelado
TURDIDAE	<i>Platycichla flavipes</i>	sabiá-una
	<i>Turdus subalaris</i>	sabiá-ferreiro
	<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira
	<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco
	<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca
	<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira
MIMIDAE	<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo
COEREBIDAE	<i>Coereba flaveola</i>	cambacica
THRAUPIDAE	<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo
	<i>Cissopis leverianus</i>	tietinga
	<i>Thlypopsis sordida</i>	saí-canário
	<i>Pyrrhocomma ruficeps</i>	cabecinha-castanha
	<i>Trichothraupis melanops</i>	tiê-de-topete
	<i>Piranga flava</i>	tiê-do-mato-grosso
	<i>Habia rubica</i>	sanhaçu-de-asa-branca
	<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto
	<i>Ramphocelus bresilius</i>	tiê-sangue
	<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaçu-cinzento
	<i>Thraupis palmarum</i>	sanhaçu-do-coqueiro
	<i>Thraupis ornata</i>	sanhaçu-de-encontro
	<i>Stephanophorus diadematus</i>	sanhaçu-frade
	<i>Pipraeidea melanonota</i>	saíra-viúva
	<i>Tangara seledon</i>	saíra-sete-cores
	<i>Tangara cyanocephala</i>	saíra-militar
	<i>Tangara preciosa</i>	saíra-preciosa
	<i>Tangara peruviana</i>	saíra-sapucaia
	<i>Tangara desmaresti</i>	saíra-lagarta
	<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha

(continua...)

QUADRO 11.2.2/03 - COMPOSIÇÃO DA AVIFAUNA NA AII DE TIJUCO ALTO, SEGUNDO DADOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS
(...continuação)

ORDEM/FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
	<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul
	<i>Hemithraupis guira</i>	saíra-de-papo-preto
	<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	saíra-ferrugem
	<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho
EMBERIZIDAE	<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico
	<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo
	<i>Haplospiza unicolor</i>	cigarra-bambu
	<i>Poospiza thoracica</i>	peito-pinhão
	<i>Poospiza lateralis</i>	quete
	<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra
	<i>Embernagra platensis</i>	sabiá-do-banhado
	<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu
	<i>Sporophila frontalis</i>	pixoxó
	<i>Sporophila caerulescens</i>	coleurinho
	<i>Sporophila angolensis</i>	curió
	<i>Amaurospiza moesta</i>	negrinho-do-mato
	<i>Tiaris fuliginosus</i>	cigarra-do-coqueiro
	<i>Arremon semitorquatus</i>	tico-tico-do-mato
	<i>Coryphospingus cuculatus</i>	tico-tico-rei
CARDINALIDAE	<i>Saltator fuliginosus</i>	bico-de-pimenta
	<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro
	<i>Saltator maxillosus</i>	bico-grosso
	<i>Cyanocompsa glaucoerulea</i>	azulinho
	<i>Cyanocompsa brissonii</i>	azulão
PARULINAE	<i>Parula pitiayumi</i>	mariquita
	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra
	<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula
	<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	pula-pula-assobiador
	<i>Phaeothlypis rivularis</i>	pula-pula-ribeirinho
	<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe
ICTERIDAE	<i>Cacicus chrysopterus</i>	tecelão
	<i>Icterus cayanensis</i>	encontro
	<i>Gnorimopsar chopi</i>	chopim
	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chopim-do-brejo
	<i>Molothrus bonariensis</i>	vira-bosta
	<i>Carduelis magellanica</i>	pintassilgo
FRINGILLIDAE	<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim
	<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro
	<i>Euphonia chalybea</i>	cais-cais
	<i>Euphonia pectoralis</i>	ferro-velho

d) Espécies Raras e Ameaçadas de Extinção

Para a macro região e área de influência indireta foram constatadas 74 espécies de aves de interesse conservacionista, citadas na literatura corrente. Dentre essas, pode-se destacar

alguns rapineiros (e.g. *Leptodon cayanensis*), grandes frugívoros (e.g. *Penelope obscura*, *Pionopsitta pileata*, *Procnias nudicollis*), insetívoros de estrato médio (e.g. *Nonnula rubecula*), insetívoros de sub-bosque e de brenhas de mata (e.g. *Psilorhamphus guttatus*, *Drymophila ochropyga*, *Chamaeza meruloides*, *Onychorhynchus swainsoni*). O Quadro 11.2.2/04 apresenta as espécies de interesse conservacionista constatadas nos levantamentos de dados secundários para a AII.

QUADRO 11.2.2/04 ESPÉCIES DE INTERESSE CONSERVACIONISTA CONSTATADAS NOS LEVANTAMENTOS DE DADOS SECUNDÁRIOS PARA A AII, SEGUNDO O ÂMBITO INTERNACIONAL (INT) COM BASE NAS DELIBERAÇÕES DA "THE WORLD CONSERVATION UNION" (IUCN, 2003), DA "CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA" (CITES, 2004), "BIRDLIFE INTERNATIONAL" (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2003); NACIONAL (NAC), COM BASE NA INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 03/2003 DO MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA, 2003) E ESTADUAL (EST): PARA OS ESTADOS DO PARANÁ E SÃO PAULO (SÃO PAULO, 1998; STRAUBE ET AL., 2004).

Espécies/âmbito	INT			NAC	EST	
	IUCN	CITES	Birdlife	IBAMA	PR	SP
<i>Tinamus solitarius</i>	NT	I	NT	NT	VU	VU
<i>Crypturellus noctivagus</i>	NT		NT	VU	EN	CP
<i>Leptodon cayanensis</i>						PA
<i>Leucopternis polionotus</i>	NT		NT	NT	LR	VU
<i>Spizaetus tyrannus</i>				NT	LR	VU
<i>Penelope obscura</i>						PA
<i>Pipile jacutinga</i>	VU	I	VU	EN	EN	CP
<i>Aramides ypecaha</i>					DD	
<i>Pyrrhura frontalis</i>		II				
<i>Forpus xanthopterygius</i>		II				
<i>Brotogeris tirica</i>		II				
<i>Pionopsitta pileata</i>		II				VU
<i>Pionus maximiliani</i>		II				
<i>Amazona aestiva</i>		II				VU
<i>Amazona vinacea</i>		II				CP
<i>Triclaria malachitacea</i>	VU	II	VU	NT	VU	CP
<i>Pulsatrix perspicillata</i>		II			DD	
<i>Ciccaba virgata</i>		II			DD	
<i>Macropsalis forcipata</i>						PA
<i>Streptoprocne biscutata</i>						PA
<i>Phaethornis eurynome</i>		II				
<i>Phaethornis pretrei</i>		II				
<i>Melanotrochilus fuscus</i>		II				
<i>Anthracothonax nigricollis</i>		II				
<i>Stephanoxis lalandi</i>		II				
<i>Lophornis magnificus</i>		II			DD	VU
<i>Chlorostilbon aureoventris</i>		II				
<i>Thalurania glaucopis</i>		II				
<i>Heliothryx auritus</i>		II				
<i>Leucochloris albicollis</i>		II				
<i>Amazilia versicolor</i>		II				
<i>Calliphlox amethystina</i>		II				
<i>Heliothryx aurita</i>						PA

(continua...)

QUADRO 11.2.2/04 ESPÉCIES DE INTERESSE CONSERVACIONISTA CONSTATADAS NOS LEVANTAMENTOS DE DADOS SECUNDÁRIOS PARA A AII, SEGUNDO O ÂMBITO INTERNACIONAL (INT) COM BASE NAS DELIBERAÇÕES DA "THE WORLD CONSERVATION UNION" (IUCN, 2003), DA "CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA" (CITES, 2004), "BIRDLIFE INTERNATIONAL" (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2003); NACIONAL (NAC), COM BASE NA INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 03/2003 DO MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA, 2003) E ESTADUAL (EST): PARA OS ESTADOS DO PARANÁ E SÃO PAULO (SÃO PAULO, 1998; STRAUBE ET AL., 2004).

(...continuação)

Espécie/âmbito	INT			NAC	EST	
	IUCN	CITES	Birdlife	IBAMA	PR	SP
<i>Nonnula rubecula</i>						VU
<i>Bailloni bailloni</i>		III	NT			
<i>Ramphastos dicolorus</i>		III				
<i>Ramphastos vitellinus</i>		II			LR	
<i>Picumnus nebulosus</i>			NT			
<i>Piculus aurulentus</i>			NT			
<i>Campephilus robustus</i>						PA
<i>Psilorhamphus guttatus</i>	NT		NT		LR	PA
<i>Sytalopus indigoticus</i>			NT			
<i>Biatas nigropectus</i>	VU		VU	VU	VU	CP
<i>Dysithamnus stictothorax</i>			NT			
<i>Drymophila ochropyga</i>			NT			
<i>Chamaeza meruloides</i>					DD	
<i>Clibanornis dendrocolaptoides</i>			VU			
<i>Leptasthenura setaria</i>			NT			
<i>Anabazenops fuscus</i>					LR	
<i>Phylloscartes eximius</i>			NT			CP
<i>Leptotriccus sylvius</i>			NT	NT	DD	
<i>Hemitriccus obsoletus</i>						PA
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>					DD	
<i>Hemitriccus obsoletus</i>					DD	
<i>Ramphotrigon megacephala</i>					DD	
<i>Onychorhynchus swainsoni</i>	EN		EN	DD	DD	EP
<i>Procnias nudicollis</i>			NT			VU
<i>Carpornis cucullata</i>			NT			
<i>Lipaugus lanioides</i>	VU		VU	NT	LR	VU
<i>Pyroderus scutatus</i>				NT	LR	EP
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>					DD	
<i>Cyanocorax caeruleus</i>			NT			
<i>Piranga flava</i>					LR	
<i>Euphonia chalybea</i>			NT			EP
<i>Tangara preciosa</i>						PA
<i>Tangara peruviana</i>			VU			EP
<i>Poospiza thoracica</i>					LR	
<i>Embernagra platensis</i>						EP
<i>Oryzoborus angolensis</i>					VU	VU
<i>Amaurospiza moesta</i>			NT			VU
<i>Saltator maxillosus</i>						PA
<i>Passerina brissonii</i>						VU
<i>Passerina glaucocaeerulea</i>					LR	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>					EN	

Legenda: RE: regionalmente extinta; PE: provavelmente extinta; CR: criticamente ameaçada; CP: criticamente em perigo; EN/EP: em perigo; VU: vulnerável; NT: quase-ameaçada; PA: provavelmente ameaçada; DD: dados deficientes; I, II e III: citada nos apêndices respectivos do CITES.

11.2.2.4. Anfíbios

a) Histórico do Conhecimento

Segundo FROST (2004) são conhecidas 5.500 espécies de anfíbios em todo o mundo. Mais

de 1.700 espécies são conhecidas para a América do Sul, sendo que o maior número de espécies está na região Andina (754 espécies), seguida pela região Amazônia-Guiana (335 espécies) e pelo Domínio da Mata Atlântica, com 334 espécies (DUELLMAN, 1999).

O Brasil possui a maior diversidade de anfíbios do mundo. Até o momento são conhecidas 775 espécies (SBH 2005), divididas em 3 ordens, 13 famílias e 98 gêneros. A maior parte das espécies conhecidas foi descoberta a partir da última metade do século XX. De 1960 até o presente momento foram descobertas 313 espécies de anfíbios, ou seja, um incremento de aproximadamente 50% em relação aos 200 anos anteriores, sendo que só nos últimos dez anos foram descritas 97 novas espécies (SILVANO & SEGALLA, 2005).

A fauna de anfíbios do Paraná vem sendo estudada desde 1983. Apesar de trabalhos sistemáticos terem sido realizados durante mais de 20 anos, principalmente na região leste do estado, muitas áreas importantes nunca foram alvo de qualquer tipo de estudo.

As paisagens ambientais diferenciadas da All são determinantes para as características da fauna de anfíbios anuros. A substituição das áreas florestadas naturais por áreas abertas e a drenagem das áreas de várzea refletiu-se nas populações de anfíbios com um aumento das espécies adaptadas para esses ambientes que, na maior parte dos casos, trata-se de generalistas e com ampla distribuição geográfica. Para algumas espécies de anfíbios a formação de ambientes aquáticos lênticos pela atividade humana foi favorável ao criar locais adequados para o desenvolvimento de suas formas larvais. Esses locais de reprodução, permanentes ou temporários (poças, açudes, valas, represamentos de rios), contribuíram para aumentar ainda mais as populações dessas espécies. De modo geral pode-se dizer que a região possui uma fauna em comum com outras regiões no vale do Ribeira, constituída por espécies de grande tolerância ecológica e que apresentam, em concordância, uma ampla distribuição e de outras espécies de dispersão mais restrita dentro dos domínios da Floresta Ombrófila Densa e da Floresta Estacional.

Entretanto, há pouco conhecimento sobre a composição da fauna de anfíbios na bacia do rio Ribeira, e conseqüentemente na All. Muitos estudos acabam por ficar incompletos, devido à falta de informações, dificultando a identificação de endemismos e a determinação do estado de vulnerabilidade das populações de anfíbios, frente aos grandes impactos que esta região vem sofrendo nos últimos anos.

Os estudos com anfíbios em áreas destinadas a aproveitamentos hidrelétricos, em geral, fornecem apenas listas de espécies, sendo poucas as informações sobre aspectos da ecologia das comunidades presentes nas regiões afetadas pelos empreendimentos.

Na All, estudos sobre a fauna de anfíbios são praticamente inexistentes na literatura especializada, excetuando-se algumas observações realizadas por ocasião dos estudos ambientais anteriores da UHE Tijucu Alto.

b) Levantamento Museológico e Bibliográfico

Os levantamentos da fauna de anfíbios da All foram realizados através de consulta à coleção do Museu de História Natural Capão da Imbuia, onde foi revisado todo o material de anfíbios proveniente dos municípios de Adrianópolis, Cerro Azul, Almirante Tamandaré, Barra do Turvo e Doutor Ulysses, no estado do Paraná.

Para o estado de São Paulo foi consultada a coleção de anfíbios do Museu de Zoologia da USP, onde se buscou por espécies que não constavam entre as encontradas durante a fase de campo para o diagnóstico da AID. Foram feitas, ainda, consultas para os municípios de Apiaí, Barra do Turvo, Cananéia, Eldorado, Iguape, Iporanga, Itariri, Jacupiranga, Juquiá,

Juquitiba, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Registro, Ribeira, Sete Barras e Tapiraí, envolvendo não só a AII, mas o Vale do Ribeira.

c) Caracterização da Fauna de Anfíbios

A pesquisa bibliográfica e museológica identificou apenas 17 espécies de 5 famílias, sendo que a espécie que apresentou o maior número foi a Hylidae (n= 7), conforme apontado no Quadro 11.2.2/05.

QUADRO 11.2.2/05 - ANFÍBIOS OCORRENTES NA AII SEGUNDO LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS E MUSEOLÓGICOS

Grupo Taxonômico
ORDEM ANURA
FAMÍLIA BUFONIDAE
<i>Bufo ornatus</i>
<i>Bufo ictericus</i>
FAMÍLIA HYLIDAE
<i>Hyla faber</i>
<i>Hyla minuta</i>
<i>Hyla microps</i>
<i>Hyla bischoffii</i>
<i>Phyllomedusa tetraploidea</i>
<i>Scinax fuscovarius</i>
<i>Scinax rizibilis</i>
FAMÍLIA LEPTODACTYLIDAE
<i>Eleutherodactylus binotatus</i>
<i>Physalaemus cuvieri</i>
<i>Physalaemus olfersii</i>
<i>Leptodactylus ocellatus</i>
<i>Leptodactylus notoaktites</i>
<i>Proceratophrys boiei</i>
FAMÍLIA MICROHYLIDAE
<i>Elachistocleis bicolor</i>
FAMÍLIA CENTROLENIDAE
<i>Hyalinobatrachium uranoscopum</i>

11.2.2.5. Répteis

a) Histórico do Conhecimento

A fauna de répteis existente na Mata Atlântica pode ser estimada em 197 espécies (HADDAD & ABE, 2002). Cerca de 40 gêneros de serpentes e 25 de lagartos são próprios do domínio Atlântico (DIXON, 1979; RODRIGUES, 1990). Aproximadamente dois cágados, 18 lagartos, dois anfisbenídeos e 50 serpentes dependem das matas úmidas para sobrevivência e a grande maioria dessas espécies ocorre exclusivamente na Mata Atlântica do estado de São Paulo (MARQUES *et al.*, 1998). Pelo menos um cágado, oito lagartos e 16 serpentes são endêmicos da Mata Atlântica Paranaense (BÉRNILS, 2003).

As características dos diferentes ambientes influenciam em certas tendências ecológicas observadas nas comunidades de répteis. Sendo assim, os répteis da Mata Atlântica podem ser caracterizados como ombrófilos, dependentes da sombra das florestas. Há também uma

predominância de formas arborícolas sobre répteis de vida subterrânea. A grande quantidade de espécies arborícolas em matas está relacionada à oferta de substrato e recursos associados para estas formas de vida (e.g. DUELLMAN, 1978).

Prevalecem espécies diurnas sobre noturnas e os principais itens alimentares são os animais que dependem de áreas úmidas, como anfíbios, moluscos e vermes da terra (BÉRNILS, 2003).

O estudo de répteis nos trópicos é dificultado, em parte, devido aos longos períodos de inatividade, hábitos secretivos, ampla área de distribuição e aparente baixa densidade populacional em que ocorrem na natureza (PARKER & PLUMMER, 1987; STRÜSSMANN & SAZIMA, 1993).

Apesar disso, diversos répteis são comumente encontrados na Mata Atlântica, como por exemplo as serpentes peçonhentas jararaca (*Bothrops jararaca*), jararacuçu (*Bothrops jararacussu*) e coral-verdadeira (*Micrurus corallinus*). Entre as não-peçonhentas destacam-se as cobras-d'água (*Liophis miliaris* e *Helicops carinicaudus*), a caninana (*Spilotes pullatus*), as falsas-coraís (*Erythrolamprus aesculapii* e *Oxyrhopus clathratus*) e a quiriripitá (*Xenodon neuwiedii*).

Entre os lagartos, estão o teiú *Tupinambis merianae*, a cobra-de-vidro *Ophiodes fragilis* e o camaleãozinho *Enyalius iheringii*. Outro réptil muito freqüente é a cobra-de-duas-cabeças (*Leposternon microcephalum*).

O depauperamento de grande parte da fauna de répteis deve ser creditado à intensa alteração ambiental, poluição dos corpos d'água, drenagem ou aterro de várzeas, caça seletiva, desmatamentos *in situ* e em regiões vizinhas e ao isolamento de áreas florestais excessivamente pequenas (MARQUES, *et al.*, 1998).

Atualmente, para alguns modelos de conservação, a dúvida mais importante que se apresenta é se a biodiversidade da Mata Atlântica poderá ser preservada através da conservação dos fragmentos florestais que restam ou se a melhor estratégia de conservação seria a de unir os fragmentos por meio de corredores de dispersão de flora e fauna (GUIX, 1994).

Devido à baixa mobilidade, requerimentos fisiológicos e especificidade de habitat, os répteis podem ser considerados modelos ideais para estudos sobre os efeitos da fragmentação (SILVANO *et al.*, 2003).

b) Levantamento Museológico e Bibliográfico

A maior parte das espécies de répteis que ocorrem no estado de São Paulo foi descrita por pesquisadores estrangeiros nos séculos passados. A partir da década de 1920, vários pesquisadores brasileiros passaram a contribuir para o conhecimento da herpetofauna, através de estudos taxonômicos, moleculares e de comunidades (MARQUES *et al.*, 1998).

Houve um interesse tardio das grandes expedições científicas em realizar coletas no território paranaense (STRAUBE, 1990), pois a fauna de répteis do estado do Paraná vem sendo sistematicamente estudada desde 1983 (MOURA-LEITE, 1994). BÉRNILS & MOURA-LEITE (1990), relacionaram os exemplares coletados por André Mayer e novos registros para o Estado foram apresentados por MOURA-LEITE *et al.* (1996). Apesar de diversos trabalhos terem sido realizados na região leste do Estado, importantes áreas nunca foram alvo de qualquer tipo de estudo

Considerando os diversos estudos de répteis realizados na América do Sul, certamente a Mata Atlântica é a menos conhecida. As poucas informações existentes estão restritas à região sudeste Brasileira, onde os principais trabalhos são os de SAZIMA & HADDAD (1992), que tratam da comunidade de répteis da Serra do Japi, SP; SAZIMA & MANZANI (1995) que abordam comunidades de serpentes da Reserva Santa Genebra, Campinas, SP; SAZIMA (1994) sobre os répteis do Parque Estadual Intervales, SP; MARQUES (1998) e MARQUES & SAZIMA (2004) sobre a Estação Ecológica Juréia-Itatins, SP; MARQUES *et al.* (2001) que enfocam as serpentes da Mata Atlântica; STENDER-OLIVEIRA & BERNILS (2004) sobre os répteis de uma área de Mata Atlântica no Município de Ribeirão Grande – SP; VANZOLINI (1988) sobre padrão distribucional de lagartos sul-americanos e RODRIGUES (1990) que aborda os lagartos da Mata Atlântica.

Os estudos ambientais anteriores da UHE Tijuco Alto (CBA 1991, 1997) foram um dos poucos trabalhos que registraram a herpetofauna da região de estudo.

Ainda há uma série de outros artigos, de diversas áreas da biologia, que abordam táxons menores que podem ocorrer na área do empreendimento, são eles: *Bothrops jararaca*: SAZIMA, (1988, 1992); *Erythrolamprus aesculapii*: MARQUES, (1996a); *Helicops carinicaudus*: NOGUEIRA & MARQUES, (1998); *Micrurus corallinus*: MARQUES, (1992, 1996b); MARQUES & SAZIMA, (1997); *Tomodon dorsatus*: BIZERRA, 1998; *Xenodon neuwiedii*: JORDÃO, (1996); entre outros.

c) Caracterização da Fauna de Répteis

Constatou-se a existência de 53 espécies de répteis. Foram incluídas no Quadro 11.2.2/06, mais 30 espécies de répteis com potencial ocorrência para toda a extensão da bacia (até a cidade de Registro/SP). Os dados compilados referem-se a informações existentes em GUIX *et al.* (1992); SAZIMA (1994), MARQUES & SAZIMA (2004), STENDER-OLIVEIRA & BERNILS (2004; dados não publicados); Projeto Biot/FAPESP (99/08291-5) e em coleções do Instituto Butantan, do Museu de História Natural Capão da Imbuia e do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Envolvendo os municípios paulistas de Apiaí, Eldorado, Iporanga, Itapirapuã, Jacupiranga, “Paranapiacaba”, Registro, Ribeira, Ribeirão Grande e Sete Barras e os municípios paranaenses de Adrianópolis, Cerro Azul e Tijuca do Sul. Portanto, foram listadas 83 espécies, sendo 59 serpentes, 16 lagartos, 5 anfisbenídeos, dois quelônios e um crocodiliano.

A lista de espécies de ocorrência potencial do presente estudo coincide em número com a apresentada nos estudos constantes no EIA de 1991 (n=84), porém difere na composição das espécies. Isso se deve ao fato de que, em 1991, foram relacionados os répteis originalmente prováveis na área de interesse da UHE Tijuco Alto.

Como a condição florestal primitiva do Domínio Mata Atlântica em que está inserido o empreendimento foi alterada, fragmentada ou até mesmo suprimida, a lista de potencial ocorrência do presente trabalho mostra-se muito mais realista frente às atuais condições ambientais da área.

QUADRO 11.2.2/06 - RÉPTEIS COM POTENCIAL OCORRÊNCIA PARA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA (AII) E ÁREAS ADJACENTES DE INTERESSE. DE ACORDO COM: GUIX ET AL., (1992); SAZIMA (1994); MARQUES & SAZIMA (2004); STENDER-OLIVEIRA & BERNILS (2004; DADOS NÃO PUBLICADOS); COLEÇÕES HERPETOLOGICAS DO IB, DO MHNCI E DO MZUSP E PROJETO BIOTA/FAPESP (99/08291-5).

Táxons	Consulta Coleção IB	Consulta Coleção MHNCI	Consulta Coleção MZUSP	P. E. Intervalos	E. E. Juréia- Itatins	Ribeirão Grande - SP
Família Anomalepididae						
<i>Liotyphlops beui</i>	X					X
Família Tropidophiidae				X		
<i>Tropidophis paucisquamis</i>						X
Família Boidae						
<i>Boa constrictor</i>	X					
<i>Corallus cropanii</i>	X					
<i>Corallus hortulanus</i>	X				X	
Família Colubridae						
<i>Apostolepis dimidiata</i>	X					
<i>Atractus guentheri</i>	X		X			
<i>Atractus maculatus</i>	X		X			
<i>Atractus trihedrurus</i>				X		X
<i>Chironius bicarinatus</i>	X	X	X	X	X	X
<i>Chironius exoletus</i>	X	X		X	X	X
<i>Chironius fuscus</i>	X				X	
<i>Chironius laevis</i>	X					
<i>Chironius multiventris</i>	X				X	
<i>Clelia occipitollata</i>			X			
<i>Clelia plumbea</i>	X	X	X	X		
<i>Dipsas albifrons</i>	X					
<i>Dipsas petersi</i>	X				X	
<i>Echinanthera affinis</i>				X		
<i>Echinanthera bilineata</i>					X	X
<i>Echinanthera cephalostriata</i>	X			X		X
<i>Echinanthera cyanopleura</i>				X	X	X
<i>Echinanthera occipitalis</i>				X		X
<i>Echinanthera persimilis</i>						X
<i>Echinanthera undulata</i>				X	X	X
<i>Elapomorphus</i>			X			
<i>quiquelineatus</i>						
<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	X	X	X	X	X	X
<i>Helicops carinicaudus</i>	X				X	
<i>Imantodes cenchoa</i>	X				X	
<i>Liophis atraventer</i>				X		X
<i>Liophis miliaris</i>	X	X	X	X	X	X
<i>Liophis poecilogyrus</i>	X	X	X	X		X
<i>Liophis typhlus</i>	X					X
<i>Oxyrhopus clathratus</i>	X	X		X	X	X
<i>Oxyrhopus guibei</i>				X		X
<i>Philodryas aestivus</i>		X				
<i>Philodryas olfersii</i>		X	X			X
<i>Philodryas patagoniensis</i>	X	X		X		X
<i>Pseudoboa haasi</i>						X
<i>Pseudoboa nigr</i>	X					
<i>Pseustes sulphureus</i>			X			
<i>Sibynomorphus mikanii</i>	X					
<i>Sibynomorphus neuwiedii</i>	X	X	X	X	X	X
<i>Siphlophis longicaudatus</i>						X
<i>Siphlophis pulcher</i>	X				X	
<i>Sordellina punctata</i>	X				X	
<i>Spilotes pullatus</i>	X		X	X	X	X
<i>Thamnodynastes cf. nattereri</i>	X				X	X
<i>Tomodon dorsatus</i>	X			X	X	X
<i>Tropidodryas serra</i>	X	X			X	
<i>Tropidodryas striaticeps</i>		X		X		
<i>Waglerophis merremii</i>	X	X				

(continua...)

QUADRO 11.2.2/06 - RÉPTEIS COM POTENCIAL OCORRÊNCIA PARA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA (AII) E ÁREAS ADJACENTES DE INTERESSE. DE ACORDO COM: GUIX ET AL., (1992); SAZIMA (1994); MARQUES & SAZIMA (2004); STENDER-OLIVEIRA & BERNILS (2004; DADOS NÃO PUBLICADOS); COLEÇÕES HERPETOLOGICAS DO IB, DO MHNCI E DO MZUSP E PROJETO BIOTA/FAPESP (99/08291-5).

(...continuação)

Táxons	Consulta Coleção IB	Consulta Coleção MHNCI	Consulta Coleção MZUSP	P. E. Intervalos	E. E. Juréia- Itatins	Ribeirão Grande - SP
<i>Uromacelina ricardini</i>	X					
<i>Xenodon neuwiedi</i>	X	X	X	X	X	
Família Elapidae						
<i>Micrurus altirostris</i>		X				
<i>Micrurus corallinus</i>	X	X	X	X	X	X
Família Viperidae						
<i>Bothrops jararaca</i>	X	X	X	X	X	X
<i>Bothrops jararacussu</i>	X	X		X	X	
<i>Crotalus durissus</i>	X	X	X			X
Família Anguidae						
<i>Diploglossus fasciatus</i>		X	X		X	
<i>Mabuya dorsivittata</i>				X		X
<i>Mabuya macrorhyncha</i>					X	
<i>Ophiodes fragilis</i>				X	X	X
<i>Ophiodes striatus</i>			X			
Família Gekkonidae						
<i>Hemidactylus mabouia</i>		X	X			X
Família Gymnophthalmidae						
<i>Colobodactylus taunayi</i>						X
<i>Ecpleopus gaudichaudii</i>					X	X
<i>Pantodactylus schreibersii</i>						X
<i>Placosoma cordylinum</i>				X		X
<i>Placosoma glabellum</i>			X	X	X	
Família Polychrotidae						
<i>Anisolepis grilli</i>			X	X		
<i>Enyalius perditus</i>			X			
<i>Enyalius iheringii</i>		X	X	X	X	X
<i>Urostrophus vautieri</i>			X	X		
Família Teiidae						
<i>Tupinambis merianae</i>		X	X	X	X	X
Família Amphisbaenidae						
<i>Amphisbaena alba</i>				X		
<i>Amphisbaena aff. dubia</i>						X
<i>Amphisbaena hogei</i>					X	
<i>Amphisbaena mertensii</i>						X
<i>Leposternon microcephalum</i>		X	X	X	X	
Família Chelidae						
<i>Hydromedusa maximiliani</i>				X		
<i>Hydromedusa tectifera</i>				X	X	
Família Alligatoridae						
<i>Caiman latirostris</i>		X		X	X	

d) Presença de Espécies Ameaçadas de Extinção

Dos répteis com ocorrência potencial na AII uma espécie particular merece atenção, pois está incluída na Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (BRASIL, 2003), a serpente *Corallus cropanii*. Essa espécie, segundo os critérios da IUCN (2001), contempla a categoria Criticamente em Perigo - CR, já que se encontra sob um risco extremamente alto de extinção na natureza. *Corallus cropanii* foi descoberta em 1954 na cidade de Miracatu, São Paulo. São conhecidos, até hoje, apenas quatro indivíduos dessa espécie, todos procedentes da Mata Atlântica do litoral sul de São Paulo. Chegou a ser considerada extinta por muitos pesquisadores e, após 40 anos de espera, um exemplar foi recebido na coleção do Instituto Butantan em 26 de maio de 2003, procedente do município de Eldorado, estado de São Paulo.

O jacaré-de-papo-amarelo, *Caiman latirostris*, apesar de sofrer os impactos da degradação ambiental e de diversas pressões antrópicas, não está avaliado como ameaçado (BRASIL, 2003).

Para o estado de São Paulo, três espécies são consideradas vulneráveis: *Corallus hortulanus*, *Liophis atraventer* e *Hydromedusa maximiliani*. Há 11 espécies incluídas na categoria de provavelmente ameaçados: *Clelia plumbea*, *Echinanthera cyanopleura*, *E. persimilis*, *Imantodes cenchoa*, *Sordellina punctata*, *Tropidophis paucisquamis*, *Uromacelina ricardinii*, *Colobodactylus taunayi*, *Diploglossus fasciatus*, *Ecpleopus gaudichaudii* e *Hydromedusa tectifera* (SÃO PAULO, 1998; SAZIMA & MARQUES, 2004). De acordo com BÉRNILS *et al.* (2004), nenhuma das espécies catalogadas encontra-se sob ameaça no estado do Paraná.